



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11598 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 04 - Didática

O SUJEITO E O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO SUBJETIVO E DA CRIATIVIDADE NO ESPAÇO DA SALA DE AULA

João Henrique Suanno - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não se aplica

**O SUJEITO E O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO SUBJETIVO E
DA CRIATIVIDADE NO ESPAÇO DA SALA DE AULA**

O presente trabalho faz parte da pesquisa de doutorado em Educação, pela Universidade Católica de Brasília – UCB/DF, o que a insere no contexto da ANPED Centro-Oeste. Tem-se como categoria central desse estudo a categoria criatividade e sua relação com o sujeito e o sentido subjetivo, como relato de conclusões parciais dessa pesquisa.

Formar cidadãos na sociedade do conhecimento apoiada pela criatividade e a partir da educação baseada no ser humano, possibilita o resgate, além desse ser humano, da cidadania planetária, da ecoformação e da vida, com mediações que perpassem as relações e as práticas pedagógicas e didáticas.

Já não são mais úteis, na sociedade atual, as organizações rígidas, incapazes de se adaptarem às flutuações do entorno. As novas organizações precisam se caracterizar pela flexibilidade estrutural e lançar mão da criatividade. A escola tem aí seu papel e função destacados de forma intensa, na responsabilidade de auxiliar a formação de um cidadão participante e contribuidor com o meio. Sua funcionalidade é a comunicação de dentro para fora com projeção de futuro com uma dimensão ética e social necessárias a esta projeção.

A preocupação com a construção de uma ideia de sujeito parte da compreensão que, originalmente, a partir de Aristóteles, vem da religião, buscando na alma o significado da

subjetividade, em relação direta com a divindade, tida como absoluta subjetividade. Com a evolução do pensamento científico, com os estudos nas áreas da sociologia, da biologia, da física e da cultura, essa ideia foi se diluindo até mesmo em áreas que, por sua característica, tem como seu objeto de estudo, especificamente, o ser humano, como a história, a antropologia e a psicologia.

Por muito tempo, segundo González Rey (2005), o que se pensava acerca do sujeito era ligado a uma noção de inteligibilidade, de ordem e de consciência, atributos de um sujeito racional definido dentro de preceitos da modernidade, influenciada pelo racionalismo cartesiano. Era a ideia de um sujeito conquistador de si mesmo e do mundo, produtor de verdades inquestionáveis. Havia uma visão dicotomizada entre o ser humano bom e o ser humano mau, trazendo em voga a difusão da crença de um sujeito ideal.

Muitas vezes a ideia de sujeito foi relacionada a um determinante instrumental ou a um quesito de troca, como na antropologia e na história. Na psicologia, a ideia de sujeito esteve, sob o ponto de vista da Psicologia Behaviorista, relacionada a termos como estímulo e resposta, passíveis de comportamentos que poderiam ser programados, determinados e compreensíveis.

Foi a partir do último terço do século passado que ocorreu uma transformação nessas concepções de sujeito (APPEL-SILVA & BIEHL, 2006), com abertura para uma gama complexa de possibilidades de relações teóricas, postulações científicas das várias áreas do conhecimento com tolerância teórica e uma complexa rede de relações e significados, acordados. Nesse novo cenário, as contradições podem coexistir com o que é dito, e em um pensamento em que as ambivalências fazem parte de todo ser.

Nessa perspectiva, de acordo com Bauman (2001), um dos grandes temores da sociedade e da ciência, que é a não possibilidade de controle do sujeito, acontece, fazendo com que o sujeito possa ser o outro desejado, não mais formado por um corpo biológico e distante de determinismos culturais, mas no seu pensamento e na sua ação, virtualizada ou não. É o sujeito efêmero, mutante, com possibilidade de existência ou não existência, de acordo com o seu momento ou do outro com quem interage, e isso sem dor ou luto. É um sujeito que pode estabelecer relações com o global e com o uno, com uma ontologia que o define no indefinido, além de o ser no contexto da interação e da linguagem, fruto de uma criatividade desenvolvida no sentido de atender às demandas pessoais, impossíveis de realização em determinados espaços e passíveis de realização em outros.

Ora, o que tem a ver subjetividade e criatividade? Para Mitjás Martínez (2006; 2008), criatividade é um processo complexo da subjetividade humana que se expressa na produção de 'algo' que é considerado ao mesmo tempo 'novo' e 'valioso' em um determinado campo de ação humana. Ao definir a criatividade como produto da subjetividade humana, a autora, segundo Amaral (2011), se distancia das concepções contemporâneas, reforçando a ideia de que a criatividade, como processo subjetivo complexo constituído a partir da ação dos sujeitos

em seus contextos culturais e históricos.

Assim, retomando a perspectiva teórica de González Rey – a partir de seu enfoque histórico-cultural, este define a subjetividade como

a organização dos processos de sentido e significações que aparece e se organiza de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atrai. (GONZÁLEZ REY, 1999, p. 108).

De acordo com Amaral (2011), Gonzalez Rey – em sua Teoria da Subjetividade – trabalha a partir de um conjunto de conceitos, entre eles a) sujeito, b) personalidade, c) configuração subjetiva, d) sentido subjetivo, e) subjetividade individual e f) subjetividade social.

Para esse autor, o conjunto de conceitos expostos é assim entendido: o sujeito “constitui o momento vivo da organização histórica da subjetividade e está implicado de forma constante nos diversos espaços sociais, dentro dos quais organiza suas diferentes práticas” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 241), implicando em um posicionamento ativo, crítico e singular que possibilita ao indivíduo perceber-se a assumir o seu lugar no decurso de uma atividade qualquer.

O autor entende que a subjetividade individual somente pode ser definida a partir do tecido social onde o indivíduo está inserido, no qual é agente ativo, imiscuindo-se, mas não despersonalizando-se. Aponta ainda que o ser humano não é determinado pela relação que estabelece com o meio externo no qual se insere e convive e define subjetividade individual como “os processos e formas de organização subjetiva dos indivíduos concretos onde aparece constituída a história única de cada um dos indivíduos” (GONZALEZ REY, 2003, p. 241). Em obra anterior, do mesmo ano, esse autor salienta que “os objetivos, fenômenos e acontecimentos da realidade social não afetam o desenvolvimento subjetivo desde sua condição externa, senão por sua expressão em termos subjetivos” (idem, 2003, p. 109).

Aliado ao desenvolvimento do sentido subjetivo apresentado por González Rey, a criatividade, segundo Torre & Moraes (2008), é um conceito emocional e vivencial. Estamos num momento de mudança social profunda, na passagem da sociedade industrial à sociedade de informação. O papel da criatividade nesse momento é de nos ajudar a ver como seguimos avançando sem perder em valores e em felicidade. Quanto ao futuro, temos que ter clareza que a questão da criatividade não pertence apenas a um campo do saber, dependendo do enfoque ela é interdisciplinar e transdisciplinar e está presente em todas as áreas, como na arte, na publicidade, na ciência, na educação, na vida cotidiana e nas empresas.

A criatividade, em um ambiente que propicia uma atmosfera de liberdade, que aceita a

diversidade, a autonomia e a discrepância crítica, é fecunda. Neste ambiente, a rotina não se estabelece como prática diária e a cada dia um novo desafio acontece, movimentando o cenário escolar em todos os seus personagens, alunos, professores, coordenação, direção e funcionários. No ambiente de liberdade e de aceitação à expressão criativa do outro, o futuro é planejado de forma prospectiva baseado na realidade vivida da atualidade.

Segundo Alencar & Fleith (2003, p.98) “a criatividade não ocorre por acaso, senão profundamente influenciada por fatores ambientais, considerando os momentos de criação como resultados de complexas circunstâncias sociais”. Daí considerarmos importante que ao planejar o ensino, se planeje também o *clima* do ambiente de aprendizagem. Em um ambiente planejado, a facilitação pertinente, controlada e humilde por parte do professor promove uma sensação de pertencência que, segundo Pichón-Rivière (1988), é a medida em relação à atuação e o sentimento de pertencimento, às suas participações e intervenções.

Quando se fala em ambiente de aprendizagem, deve-se extrapolar o ambiente fechado da sala de aula, entre quatro paredes, rumo a um ambiente subjetivo de aprendizagem, povoado pela afetividade, introspecção, relacionamentos interpessoais, interesses pessoais, necessidades de aceitabilidade e reconhecimento. É nesse ambiente que ocorrem as mediações do professor e a aprendizagem do aluno. Pode-se organizar um ambiente físico de tal modo se torne agradável aos olhos de quem ali se encontra, mas é o ambiente da subjetividade que influencia substancialmente o processo de aprendizagem do aluno; e, nesse ambiente, as relações estabelecidas entre o professor e o aluno se fazem prioritárias.

Algumas perguntas iniciais são necessárias e devem ser feitas pelo professor, logo na apresentação da sua disciplina: O que se pretende com essa disciplina? Por que está aqui? O que procura? Qual a sua intenção? Tais perguntas ajudam o professor a construir uma proposta de conteúdos para sua disciplina. Obviamente, o conteúdo já estará planejado pelo professor, mas, dessa forma, poderá direcionar para uma postura ética e uma aproximação cada vez maior da intenção do aluno, já que todo sujeito tem seus interesses e objetivos próprios em cada ação que efetua. Discutir o planejamento e acomodá-lo às aspirações de cada aluno dá a eles o sentimento de serem respeitados, levando-se em consideração a construção do processo que se acercará de todos e, desde então, se sente coautor do processo.

Isto faz com que o aluno se sinta como um contribuidor do processo de reflexão constituído em sala de aula, além de perceber que está sendo dada a devida importância ao seu pensamento, sua lógica de relações mentais e ao seu interesse de participação na aula. Desta forma, a vontade de participação na aula acontece naturalmente e a vontade de ser mais compreensivo, estudioso e conhecedor do que é apresentado dar-se-á com maior consciência. A vontade de crescer surge da necessidade de evoluir, sentida por cada um, vivida, repartida, compartilhada, dialogada, reconstruída, introjetada e transformadora de si mesmo.

REFERÊNCIAS

1. ALENCAR, E. M. L. S. & FLEITH, D. S. Criatividade. Múltiplas perspectivas. Brasília: Ed. da UnB 2003.
2. AMARAL, Ana Luiza Snoeck Neiva do. *A constituição da aprendizagem criativa no processo de desenvolvimento da subjetividade*. Brasília-DF: UnB, 2011. 250 p.
3. APPEL-SILVA, Marli; BIEHL, Kátia. Trabalho na pós-modernidade: crenças e concepções. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 6, n. 2, set. 2006.
4. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Oxford, Inglaterra: Jorge Zahar Editor, 2001.
5. GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Psicologia e educação: desafios e projeções. In: RAYS, Oswaldo Alonso. (Org.). *Trabalho pedagógico: Realidade e perspectivas*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
6. _____. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson, 2003.
7. _____. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: Educ, 2005.
8. MITJÁNS MARTINEZ, Albertina. Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem: uma relação necessária? In: TACCA, Maria Carmen Villela Rosa (Org.). *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas: Alínea, 2006.
9. _____. Subjetividad, complejidad y educación. *Revista Latino-Americana de Psicología*, v. 13, p. 5-21, 2008.
10. PICHON-RIVIÈRE, E. *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
11. TORRE, Saturnino de La; MORAES, Maria Cândida. *Ecología de los saberes: Una comunidad de conocimiento para una nueva consciência*. Madrid: Editorial Universitas, 2008.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Sentido Subjetivo. Criatividade. Sala de Aula.